

Cristo e a Civilização

John W. Robbins

Nos dias 25 de dezembro e 7 de janeiro, quase dois bilhões de pessoas celebrarão o nascimento de Jesus Cristo. A comemoração é duplamente irônica, pois as datas não são seu aniversário, e a maioria dos celebrantes esqueceu - ou, mais provavelmente, nunca aprendeu - o significado de seu nascimento. Um dos celebrantes de Natal mais entusiasmados que conheci era um ateu. Adorava as decorações coloridas, os cheiros inebriantes, as canções alegres, a fartura de comida e bebida, os rostos sorridentes das crianças, a troca de presentes e o sentimento de boa vontade, ainda que fugaz. Ela, como centenas de milhões de outras pessoas, era uma devota do Natal, mas não uma discípula de Cristo.

Centenas de milhões de fiéis, ao contrário do meu conhecido ateu, adicionam sentimentos religiosos à sua lista de coisas para gostar no Natal: eles procuram e encontram sentimentos de admiração e admiração ao visitar catedrais, ouvir coros e oratórios, observar rituais e procissões realizados por sacerdotes vestidos; e eles pensam que esses sentimentos de transcendência são de alguma forma cristãos. Os frequentadores da igreja são mais iludidos do que os ateus.¹

Essa profunda ignorância de Cristo - uma ignorância que nem mesmo percebe que é ignorância - é uma tragédia de proporções eternas, pois a vida de Cristo - seu nascimento, vida, morte e ressurreição - não é apenas o evento mais importante da história da humanidade, mas muito mais importante, o único caminho para o céu. De fato, se Cristo não fosse o único caminho para o céu, sua vida não teria importância alguma.

A vida de Cristo é o ponto a partir do qual datamos toda a história mundial, e é impossível entender a história e a civilização ocidental, especialmente os Estados Unidos, sem entender o cristianismo.

Já se passaram mais de 2.000 anos desde que Jesus nasceu em Belém, e desde então o mundo mudou imensamente. Jesus, nascido e criado em pequenas cidades da Judéia, uma das províncias menores do Império Romano, viveu apenas 33 anos — um jovem pelos padrões modernos — e ensinou apenas três anos — uma carreira curta — antes de ser torturado e executado por uma turba judaica local, instigada por líderes do culto do Templo e pelo governo imperial romano. Se Jesus fosse um homem comum, tudo teria terminado com sua morte. Ninguém teria notado. Na melhor das hipóteses, ele teria sido mais uma estatística nos longos anais da crueldade infligida pela Roma antiga. Mas Jesus estava longe de ser apenas um homem comum; ele era e é a segunda pessoa da Trindade, Deus Filho, o *Logos*, a Lógica e a Sabedoria de Deus. Três dias depois de sua crucificação, ele saiu de seu túmulo guardado, exatamente como havia previsto. O pior que o Império do mundo poderia fazer falhou. Jesus estava vivo, para nunca mais morrer.

Cerca de seis séculos antes e algumas centenas de quilômetros a leste, o rei Nabucodonosor do Império da Babilônia teve um sonho. Ele viu “uma grande imagem. Esta grande imagem, cujo esplendor era excelente, estava diante” do rei, e “sua forma era impressionante. A cabeça desta imagem era de ouro fino, o peito e os braços de prata, o ventre e as coxas de bronze, as pernas de ferro, os pés em parte de ferro e em parte de barro”. Nabucodonosor “observou enquanto uma pedra era cortada sem mãos, a qual feriu a estátua em seus pés de ferro e barro, e os quebrou em pedaços. O ferro, o barro, o bronze, a prata e o ouro foram moídos e se tornaram como palha das eiras de verão; o vento os levou, de modo que nenhum vestígio deles foi encontrado. E a pedra que atingiu a imagem tornou-se uma grande montanha e encheu toda a Terra” (Daniel 2).

Nestas palavras, Deus, através de Daniel, predisse a vinda de Cristo e seu Reino. Cristo era a pedra - a Rocha - que esmagaria a grande imagem em pó e

¹ Ironicamente, esses fiéis em busca de experiências religiosas também tendem a ridicularizar os fundamentalistas por seus apelos emocionais. Eles devem remover a tábua de seus próprios olhos cegos antes de tentar remover um cisco do outro.

explodi-lo, e a imagem representava os impérios do mundo. Nos últimos dois mil anos a pedra vem crescendo, às vezes imperceptivelmente, às vezes visivelmente, sempre inexoravelmente. O cristianismo mudou profundamente as sociedades às quais chegou, suas instituições, crenças e culturas. O que surgiu só pode ser descrito como uma nova civilização.

O mundo que Cristo entrou Os americanos,

se pensarmos sobre o assunto, têm uma visão romântica e idealizada da Grécia e Roma como sociedades pacíficas, agradáveis e livres.

Vemos as estátuas e as ruínas, ouvimos os filósofos serem discutidos e elogiados e lemos as façanhas dos Césares. Atenas, nos dizem, era um modelo de esclarecimento e democracia, e Roma era um modelo de justiça e lei. É em grande parte à Grécia e Roma, a seus filósofos e estadistas, diz a história tradicional, que devemos nossa liberdade, nossa civilização e nossa prosperidade.

A *World Book Encyclopedia*, comumente usada por estudantes do ensino médio, informa a seus leitores que “Os princípios que uniam o Império Romano — justiça, tolerância e desejo de paz — influenciaram incontáveis gerações”. Mas a frase seguinte – tão surpreendente em contraste com a primeira – está mais próxima da verdade: “A crueldade e a ganância romana causaram grande miséria, e o uso da força trouxe sofrimento e morte.”² Roma era um império de violência, não de justiça. ; cresceu por meio de conquistas realizadas por exércitos liderados por generais brilhantes; e foi mantido unido pelas temidas legiões romanas. Não tolerava desobediência, e a paz era um evento raro. Mesmo no seu melhor, isto é, a *Pax Romana* do primeiro e segundo séculos depois de Cristo, o Império era, nas palavras do historiador romano Lívio, “rico em catástrofes, temeroso em suas batalhas, fértil em motins, sangrento mesmo na paz.”³ O

A dívida que a civilização ocidental deve para com a Grécia e Roma foi exagerada. Para entender o impacto da vinda de Cristo, é preciso ter uma compreensão mais precisa do mundo clássico.

Religião Clássica A Grécia

e Roma não eram estados seculares; estavam encharcados de religião. Não havia então nenhuma distinção significativa entre sagrado e secular; essa foi uma idéia cristã posterior. Na chegada de Paulo a Atenas, ele encontrou uma cidade “entregue aos ídolos” (Atos 17:6). Sonhos, presságios, fantasmas, aparições e o “mau-olhado” eram temidos como fontes de dano e procurados como fontes de orientação.

A astrologia era uma ciência e fazia parte da alta cultura, gozando do respeito que a psiquiatria tem hoje. Ídolos, imagens e santuários eram onipresentes. O sacrifício de animais era uma parte regular do culto religioso, e festivais e feriados - por uma contagem de 109 dias por ano eram feriados em Roma - eram frequentes. A prostituição no templo era comum. O nome da cidade grega de Corinto, centro de devoção religiosa, tornou-se sinônimo de imoralidade sexual. “Corintianizar” era se engajar nas práticas sexuais mais perversas e debochadas. Na cultura pagã de Roma, a homossexualidade era comum e aceita.

Os deuses e deusas gregos e romanos eram homens e mulheres maiores que a vida. Brigaram, tramaram, mentiram, ficaram bêbados, estupraram e cometeram incesto. Os romanos adoravam doze deuses e deusas principais e milhares de deuses menores, que surgiram do animismo da Roma primitiva. Havia deuses para a guerra, fertilidade, amor, colheita, viagem, portas, *ad infinitum*.

banditismo, a pirataria e as represálias eram muitas vezes incentivados e até praticados por governos 'civilizados'” (M. I. Finley, *História Antiga*. Nova York, 1987, 70-71).

² “O Império Romano”, Volume 16, 380-381.

³ O mundo antigo era aquele “em que grande parte da força de trabalho trabalhava sob várias formas de compulsão não econômica, em que por um longo período e em amplas extensões de território os combates de gladiadores até a morte forneciam a forma mais popular de entretenimento público para as elites e para as massas, em que o

The Trinity Review / dezembro de 2002, janeiro, fevereiro, março de 2003

Cada deus e deusa tinha sua própria esfera de influência, seu departamento; e o romano devoto não adorava um deus com exclusão de outros, mas adorava a todos conforme as circunstâncias exigiam. Uma sucessão de espíritos “observou cada período da vida de um homem desde o nascimento até a morte. Juno Lucina, Candelifera e os Carmentes ajudaram no parto. Foi Vagitanus apenas quem poderia inspirar o primeiro choro. Cunina guardava o infante em seu berço, dando lugar a Cuba quando o pequeno romano alcançou a distinção de uma cama. Por Rumina ele foi ensinado a tomar o leite de sua mãe; Edusa e Potina cuidaram dele nos dias de seu desmame. Fabulinus o ensinou a falar; Statilino para ficar de pé; Abeona e Adeona o acompanharam em suas primeiras aventuras da casa;...Catius aguçou sua inteligência; Sentia aprofundou seu sentimento; enquanto Volumna endurecia sua vontade.... Viduus separou corpo e alma.”⁴ Orações e peregrinações a santuários e templos eram uma parte comum da vida no mundo antigo. As características da religião romana incluíam não apenas astrologia, mas também feitiçaria e fantasmas; adivinhação por sonhos, por pássaros e por vísceras; magia, feitiços e feitiços; heróis, deuses e deusas; água benta, túmulos sagrados, relíquias sagradas, cidades sagradas, santuários sagrados e dias santos; visões, sinais e encantamentos; sacrifícios de animais e humanos; milagres de cura, da natureza e de destruição; rituais, procissões, estátuas e afrescos; incubação, maldições e adoração dos mortos; adoração de Diana, Rainha do Céu; sacerdotes mendicantes, monges e ascetismo; incenso, sinos e coros, *ad infinitum*. A sociedade romana era muito religiosa, e essa religião não terminou até a Reforma Cristã do século XVI.

As religiões romana e grega eram muito diferentes do cristianismo, não apenas em seu politeísmo (ou, mais precisamente, polidemonismo), mas também porque as religiões pagãs não enfatizavam o conhecimento, o aprendizado, a compreensão e o ensino. Eles não tinham sermões, nem livros para serem estudados, nem corpo de doutrinas em que acreditar.

“Os principais objetivos das religiões pagãs”, diz-nos WEH Lecky, “eram predizer o futuro [através do estudo de

⁴ Gordon J. Laing, *Sobrevivências da Religião Romana*, 3-4.

entranhas de animais e depois o questionamento de oráculos], para explicar o universo, para evitar a calamidade, [e] para obter a assistência dos deuses. Eles não continham instrumentos de ensino moral análogos à nossa instituição de pregação, ou à preparação moral para a recepção do sacramento, ou à confissão, ou à leitura da Bíblia, ou à educação religiosa, ou à oração conjunta para o bem espiritual. benefícios.”⁵

Um resultado desse anti-intelectualismo foi, é claro, que a piedade religiosa se expressava no comportamento religioso — frequentar templos, oferecer sacrifícios, fazer peregrinações — pois “os gregos valorizavam a 'ortopraxia', fazer o que é certo, em vez da ortodoxia”. Em tudo isso, a religião grega “refletia e apoiava o ethos geral da cultura grega. Isso desencorajou o individualismo.... enfatizou o sentimento de pertencimento a uma comunidade e a necessidade da observância das formas sociais.”⁶ A Grécia reforçou essas ênfases com a morte.

Na medida em que o ensino, a leitura e a educação eram feitos na Grécia e em Roma, eram funções não dos sacerdotes, mas dos filósofos, em grande parte desvinculados dos cultos religiosos populares. O cristianismo, em contraste, tornou o conhecimento e o ensino teológico e moral central para a missão da igreja e disponível para todos, não apenas para as classes aristocráticas consideradas capazes de virtude. (Isso não era verdade para a Religião Católica, que mais tarde se dividiu em Igrejas Católica Romana e Ortodoxa. A partir do século V, a Religião Católica preferiu usar imagens: ícones, estátuas, afrescos e assim por diante, não literatura, para E aqueles considerados capazes de virtude eram os “religiosos”, não os leigos; os “religiosos” eram a nova classe aristocrática católica). influência, doutrinas sobre a natureza de Deus, a imortalidade da alma e os deveres do homem, que os mais nobres intelectos da antiguidade mal podiam entender, tornaram-se os truismos da escola da aldeia, os provérbios da cabana e do beco.” (Isso, é claro, foi o resultado da Reforma, não do catolicismo.)

Por causa da variedade de deuses em Roma, alguns historiadores concluíram erroneamente que Roma gozava de liberdade religiosa. Mas o comando das Doze Tábuas (c. 450 aC), bem como a perseguição aos dissidentes religiosos, deixa claro que a liberdade religiosa não era uma característica da sociedade romana: “Ninguém tenha deuses por si mesmo, nem novos nem estranhos, mas apenas os instituídos pelo Estado”. No segundo século depois de Cristo, o jurista pagão Julius Paulus relatou um decreto legal contemporâneo:

⁵ Lecky, *História da Moral Europeia*. Londres (1869) 1946, II, 1.

⁶ Robert Parker, “Greek Religion”, *Oxford History of the Classical World*, 1986, 261. Isso, é claro, é contrário às afirmações encontradas em alguns teólogos “cristãos” de que os gregos não estavam interessados na prática ou neste mundo, mas estavam focados em outro mundo, o mundo das Formas de Platão. Esses escritores semi-educados agravam seus erros contrastando o “outro mundo” e o “individualismo” dos gregos com os hebreus

“Daqueles pessoas que introduzem novas religiões com costumes ou métodos desconhecidos pelos quais as mentes dos homens podem ser perturbadas, as das classes altas serão deportadas, as das classes inferiores serão mortas.” As únicas religiões permitidas em Roma eram as licenciadas e aprovadas pelo Estado.

Tanto as *pólis* gregas quanto o Império Romano eram igrejas-estados totalitárias. Para os pagãos antigos e medievais, a política era a arte da alma. Sócrates foi executado por ser ateu, isto é, por corromper a juventude de Atenas, ensinando-a a duvidar dos deuses de Atenas. Outros sofreram o mesmo destino. Séculos depois de Sócrates ter sido executado pela democracia ateniense, Plínio, o Jovem, Alto Comissário Especial para as províncias de Bitínia e Ponto, escreveu uma carta ao imperador Trajano em 111 d.C. Sua carta ilustra tanto o tratamento de Roma aos dissidentes religiosos quanto sua falta de sistema de justiça: “Este é o plano que adotei no caso daqueles cristãos que foram trazidos perante mim. Pergunto-

lhes se são cristãos; se eles disserem que sim, então eu repito a pergunta uma segunda e uma terceira vez, advertindo-os das penalidades que isso implica, e se eles ainda persistirem, eu mando que eles sejam levados para a prisão. Pois não duvido, qualquer que seja o caráter do crime que confessem, sua pertinácia e obstinação inflexível certamente devem ser punidas...” Em Roma, “pertinácia” era um crime punível com encarceramento indefinido.

Plínio explicou o que seus súditos eram obrigados a fazer para recuperar sua liberdade: “Aqueles que negavam ser ou

havam sido cristãos e invocavam os deuses na fórmula usual, recitando as palavras depois de mim, aqueles que ofereciam incenso e vinho antes sua imagem [do imperador], que eu dei ordens para ser trazida para este fim, juntamente com as estátuas das divindades - todas essas que considerei deveriam ser dispensadas, especialmente porque amaldiçoaram o nome de Cristo, que, diz-se, , aqueles que são realmente cristãos não podem ser induzidos a fazer isso.”

“terrestres” e “comunitários”. Eles podem corrigir seus erros estudando *Hebreus* 11 e passagens relacionadas.

The Trinity Review / dezembro de 2002, janeiro, fevereiro, março de

Em Roma, como em Atenas, podia-se escapar do castigo adorando os deuses.

Em um caso em que algumas pessoas acusaram anonimamente seus vizinhos de serem cristãos, Plínio “achou mais necessário... para a tortura....

Muitas pessoas de todas as idades, e de ambos os sexos, estão sendo colocadas em perigo de vida por seus acusadores, e o processo [de inquisição e punição] continuará. Pois o contágio dessa superstição [o cristianismo] se espalhou não apenas pelas cidades livres, mas também pelas vilas e distritos rurais, e ainda assim me parece que pode ser controlado e corrigido. Não há dúvida de que os templos [pagãos], que estavam quase desertos, estão começando novamente a ser apinhados de adoradores, que os ritos sagrados que por muito tempo foram deixados de lado estão agora

sendo renovada, e que a comida das vítimas do sacrifício está mais uma vez sendo vendida.”⁷

Plínio teve o prazer de relatar que seus métodos de tortura e prisão estavam encorajando as pessoas a adorar os deuses, e que os templos romanos estavam crescendo novamente. Ao longo da história, a coerção tem sido um método favorito para alcançar o crescimento da igreja.

Em sua carta a Trajano, Plínio enfatizou que adorar o imperador é a maneira de evitar o castigo. Na época de Cristo, o culto imperial era relativamente novo, tendo começado com Augusto, e foi o culto que unificou Roma.

Tibério sucedeu Augusto como imperador em AD14. Aqui estão alguns trechos de uma carta que Tibério enviou ao magistrado da cidade de Gytheon, instruindo-o nos rituais próprios do culto imperial: “Tibério César Augusto, filho do deus Augusto, pontifex *maximus*... uma imagem do deus Augusto César o pai na primeira [cadeira], uma de Júlia Augusta na segunda da direita, e uma de Tibério César Augusto na terceira. Que uma mesa [para sacrifícios] seja posta por ele no meio do teatro e um incensário seja colocado lá, e que os representantes e todos os magistrados ofereçam sacrifícios. Que ele conduza a festa no primeiro dia em honra do deus Augusto, o Salvador e Libertador, filho do deus César.” (MacMullen e Lane, 74-75). A adoração do Estado, na pessoa do divino Imperador, foi a ideologia que unificou o Império Romano na época de Cristo.

Guerra e Paz

O mundo pagão não era pacífico. Atenas, geralmente considerada uma das cidades-estados gregas mais pacíficas, esteve em guerra mais de dois anos em cada três entre as Guerras Persas e 338 aC, quando Filipe da Macedônia foi derrotado. Os três séculos seguintes foram ainda piores. Atenas nunca desfrutou de dez anos consecutivos de paz.

Lívio relata que a República Romana estava em paz apenas duas vezes em toda a sua história, uma vez no final da Primeira Guerra Púnica em meados do século III aC e uma vez em 30 aC após a derrota de Antônio e Cleópatra por Augusto. A guerra era um modo de vida no mundo antigo.

Nas páginas iniciais das *Leis*, Platão faz Clinias dizer que “o que a maioria dos homens chama de paz é apenas uma aparência; na realidade, todas as cidades estão, por natureza, em estado permanente de guerra não declarada contra todas as outras cidades”. Mas em seus diálogos, Platão retrata uma Atenas higienizada de intelectuais discursando sobre questões filosóficas, passeando pela cidade, comendo e bebendo de casa em casa.

“Os diálogos de Platão retratam Atenas em detalhes vívidos, como um mundo de intelectuais jovens e divinos que se reúnem em casas particulares para conversar ou beber socialmente, passear em parques suburbanos ou caminhar até o Pireu para um festival, ouvindo visitantes famosos habilidosos em retórica ou

filosofia de toda a Grécia.... No entanto, durante a maior parte do tempo que Platão descreve, Atenas estava lutando uma longa e sangrenta guerra na qual pelo menos metade da população morreu, muitos deles de uma praga particularmente horrível que marcou até mesmo aqueles que sobreviveram a ela, e que foi em parte consequência de as condições insalubres em que um grande número de cidadãos estava acampado, primeiro no calor do verão e depois durante todo o ano, em cada espaço disponível de terra aberta ou sagrada dentro das muralhas da cidade. Na realidade, as viagens eram perigosas e muito restritas; e o caminho para o Pireu deve ter sido tão imundo, tão fedorento e tão lotado quanto as favelas de Calcutá.”⁸

Quanto a Roma, “no meio século das guerras aníbal e macedônia, dez por cento e muitas vezes mais de todos os homens italianos adultos estavam em guerra ano a ano, uma proporção que aumentou durante as guerras do primeiro século aC para um em cada três machos.”

Finley atribui a prevalência da guerra no mundo antigo à religião pagã: “Nem o extremamente poderoso Marte romano nem o mais fraco grego Ares receberam a menor competição das divindades menores da paz. Sempre se assumiu que o apoio divino estava disponível para uma guerra... [Os] deuses através de seus oráculos e sinais [nunca] recomendavam a paz por si só...” (Finley, 68).

É revelador que, apesar da guerra perpétua na Grécia e em Roma, a guerra não fosse o título nem o tópico de um único tratado filosófico antigo. A *Pax Romana* durante os dois primeiros séculos da era cristã, embora uma melhoria em relação aos séculos anteriores, foi pontuada por guerras nas fronteiras do Império e a destruição de Jerusalém em 70 dC , com a perda estimada de um a dois milhões de vidas.

Economia, escravidão e trabalho Na época

de Cristo, a população da Itália romana era estimada em cinco a seis milhões de cidadãos livres e um a dois milhões de escravos. Muitos escravos trabalhavam nas minas do Império Romano e às vezes eram forçados a viver no subsolo até morrer. Os escravos eram proibidos de se casar, e o poder dos senhores sobre seus escravos era absoluto. As castas da sociedade romana — escravos, plebeus, notáveis e nobres — não eram tão rígidas na época de Cristo como nos séculos anteriores, mas a sociedade romana permaneceu radicalmente desigual.

As conquistas militares da República e do Império resultaram no influxo de centenas de milhares de escravos para Roma.

Esses escravos eram usados não apenas para trabalho, mas também para entretenimento nos concursos de gladiadores que tanto nobres quanto proles adoravam participar. O entusiasmo dos romanos pelo sangue de gladiadores produzia e refletia um desejo selvagem e prazer em infligir dor.

Milhares de escravos morreram entre os romanos.

Por serem expressões vívidas da crueldade e vontade de governar da elite romana, os “jogos” de gladiadores

The Trinity Review / dezembro de 2002, janeiro, fevereiro, março de 2003

⁷ Ramsey MacMullen e Eugene N. Lane, editores, *Paganism and Christianity 100-425 CE* Minneapolis, 1992, 164-165.

⁸ Oswyn Murray, "Vida e Sociedade na Grécia Clássica", *A História de Oxford do Mundo Clássico*. Nova York, 1986, 205.

faziam parte da celebração oficial do Imperador em todas as grandes cidades.

Além dos combates de gladiadores, “cometeram-se inúmeros atos da mais odiosa barbárie: Flaminio ordenando que um escravo fosse morto para gratificar, com o espetáculo, a curiosidade de um convidado;...

Védio Pólio alimentando seus peixes com carne de escravos ;... Augusto sentenciando um escravo, que havia matado e comido uma codorna favorita, à crucificação.... Escravos velhos e doentes eram constantemente expostos a perecer em uma ilha do Tibre” (Lecky, I, 127).

A escravidão não era apenas a prática onipresente do mundo pagão, era também a teoria. Os melhores e mais brilhantes filósofos gregos, Platão e Aristóteles, defendiam a escravidão, pois os escravos eram seres naturalmente inferiores. O status de escravos, mulheres e crianças refletia o julgamento de Aristóteles de que “a faculdade deliberativa não está presente de forma alguma no escravo, na mulher é inoperante, na criança não desenvolvida”. A noção cristã de que todos os homens são criados à imagem de Deus, e que a imagem de Deus é a racionalidade,⁹ era estranha ao pensamento e às sociedades pagãs. Murray comentou sobre o status das mulheres em Atenas: “Nós idealizamos os gregos como os criadores da civilização ocidental. Mas devemos lembrar que (poligamia à parte), a posição das

mulheres atenienses era, nos aspectos mais importantes, a mesma das 200 milhões de mulheres que hoje [1986] vivem sob o Islã...” (216).

Em qualquer sociedade em que a escravidão desempenha um papel importante, a ociosidade se torna uma virtude. Foi assim no sul dos Estados Unidos, e assim foi em Roma. Os romanos desprezavam o trabalho e desprezavam aqueles que trabalhavam com as mãos.

O operário era vil e socialmente inferior. Todos os libertos eram artesãos e lojistas; a maioria dos lojistas e artesãos eram libertos; e todos foram desprezados. “Ninguém”, escreveu Aristóteles, “que leva a vida de um trabalhador ou trabalhador pode praticar a virtude”.

O eloquente Demóstenes, defendendo-se perante um júri ateniense, apresentou seu argumento desta forma: “Eu valho mais do que Eschinos [o queixoso] e sou melhor nascido do que ele; Não quero parecer insultar a pobreza, mas devo dizer que, quando criança, tive a sorte de frequentar boas escolas e ter riqueza suficiente para não ser forçado pela necessidade a me envolver em trabalhos vergonhosos. Ao passo que você, Eschinos, era sua sina de criança varrer, como um escravo, a sala de aula em que seu pai serviu como professor. Demóstenes ganhou facilmente

caso.

Sêneca, o tutor e mais tarde vítima do imperador Nero, escreveu que “As artes comuns, as artes sórdidas, são, segundo o filósofo Posidônio, aquelas praticadas por trabalhadores braçais, que passam todo o tempo ganhando a vida. Não há beleza em tais ocupações, que têm pouca semelhança com o Bem.” O grande senador romano Cícero acreditava

alguma arte; o trabalho artesanal é sórdido, assim como o comércio varejista.” O capitalismo não poderia se desenvolver em uma sociedade em que tal visão do trabalho prevalecesse.

O controle de Roma sobre a economia foi prejudicado pelo primitivismo da economia. Mas onde quer que a atividade econômica pudesse ser controlada, os filósofos e estadistas mundanos acreditavam que o Estado tinha o direito de controlá-la. Uma característica básica da constituição de Esparta era o controle completo da atividade econômica. Atenas possuía as minas de prata de Laurium. *Economia*, um tratado provavelmente escrito no século III antes de Cristo e incorretamente atribuído a Aristóteles, relata como os governantes enchiam seus cofres com o roubo e a exploração de seu povo. O livro assume que todo tipo de propriedade privada está à disposição do Estado. Hasebroek, escrevendo em *Trade and Politics in Ancient Greece*, relata que o controle da atividade econômica nas *pólis* era tirânico.

Quanto a Roma, “o confisco por atacado não compensado de propriedades privadas e fazendas camponesas para fornecer bônus aos soldados não era uma prática incomum... e funcionários governamentais menores – foram congelados em suas ocupações para estabilizar os impostos e equilibrar o orçamento.”¹⁰ Fustel de Coulanges concluiu: “Os antigos, portanto, não conheciam liberdade na vida privada, liberdade na economia, nem liberdade religiosa.”¹¹

que “o trabalho assalariado é sórdido e indigno de um homem livre, pois o salário é o preço do trabalho e não do

⁹ “O espírito do homem é a lâmpada do Senhor, que perscruta todas as profundezas do seu coração” (Provérbios 20:27) é um versículo entre muitos que ensinam essa ideia.

Vida e morte

No mundo antigo, o aborto, a exposição de bebês, o infanticídio e o suicídio eram comuns e legais. Na vinda de Cristo, o governador romano na Judéia, Herodes, o Grande, na tentativa de assassinar Jesus, ordenou que todos os meninos de Belém e da região ao redor, de dois anos ou menos, fossem mortos.

O chefe de uma família romana tinha o poder de vida e *morte* — *patia potestas* — sobre seus filhos e escravos. Ao nascer, a parteira colocava o recém-nascido no chão, onde ele permaneceria, a menos que o pai pegasse a criança e a levantasse da terra. Se o pai não levantasse a criança, ele — ou mais provavelmente ela — era deixado para morrer em algum lugar público. Os pagãos expunham seus filhos por muitas razões: pobreza, ambição ou preocupação com sua “qualidade de vida”: “para não vê-los corrompidos por uma educação medíocre que os deixaria impróprios para a posição e a qualidade”, citando Plutarco. Os primeiros cristãos resgataram milhares de crianças descartadas pelos pagãos. Os pagãos também resgataram milhares e os criaram para serem escravos e prostitutas. Se as crianças nasciam com defeitos, eram frequentemente mortas, em vez de expostas. O infanticídio não era apenas a prática dos pagãos, era também sua doutrina: Platão e Aristóteles endossaram o infanticídio, e Sêneca escreveu: “O que é bom deve ser separado do que não serve para nada”.

De acordo com a lei romana, o poder do pai sobre seus filhos permaneceu enquanto ele vivesse. Um romano adulto

¹⁰ EG Weltin, *Atenas e Jerusalém*. Atlanta, 1987, 34.

¹¹ *A Cidade Antiga*. 1901, 222-223.

o homem nada podia fazer sem o consentimento de seu pai; seu pai poderia até sentenciá-lo à morte. É provável que a máfia tenha herdado seu foco na família de seus ancestrais romanos.

O contraste entre o paganismo antigo e o cristianismo é mais claro nessas questões de vida e morte. Em sua *História da moral europeia*, Lecky escreveu: “O primeiro aspecto em que o cristianismo se apresentou ao mundo foi como uma declaração da fraternidade dos homens em Cristo. Considerados como seres imortais, destinados aos extremos da felicidade ou da miséria, e unidos entre si por uma comunidade especial de redenção, o primeiro e mais manifesto dever de um homem cristão era considerar seus semelhantes como seres sagrados, e a partir disso surgiu a ideia eminentemente cristã da santidade de toda a vida humana”.

Não são as leis da natureza que determinam o comportamento ou a ética, pois “a natureza não diz ao homem que é errado matar sem provocação seus semelhantes... moral, existiram sociedades nas quais a matança de homens de alguma classe ou nação em particular foi encarada com não mais escrúpulos do que a matança de animais na caça. Os primeiros gregos, em suas relações com os bárbaros; os romanos, em suas relações com gladiadores e em alguns períodos de sua história com escravos; os espanhóis em suas relações com os índios; quase todos os colonos afastados da supervisão européia, em suas relações com uma raça inferior; e uma imensa proporção das nações da antiguidade, em suas relações com os recém-nascidos – todas demonstraram essa completa e absoluta insensibilidade...”

Em vez das leis da natureza, o cristianismo mudou a cultura antiga: “Agora foi um dos serviços mais importantes do cristianismo que, além

de estimular grandemente nossas afeições benevolentes, afirmou definitiva e dogmaticamente a pecaminosidade de toda destruição da vida humana como uma questão de diversão ou de simples conveniência e, assim, formou um novo padrão, mais alto do que qualquer outro existente no mundo.

“A influência do cristianismo a esse respeito começou com o estágio mais inicial da vida humana. A prática do aborto era algo a que poucas pessoas na antiguidade atribuíam qualquer sentimento profundo de condenação... Na Grécia, Aristóteles não apenas aprovava a prática, mas até desejava que ela fosse imposta por lei quando a população excedesse certos limites estabelecidos. Nenhuma lei na Grécia, ou na República Romana, ou durante a maior parte do Império, a condenava... Uma longa cadeia de escritores, tanto pagãos quanto cristãos, representam a prática como declarada e quase universal. Eles o descrevem como resultante, não apenas da licenciosidade ou da pobreza, mas também de um motivo tão leve como a vaidade, que fazia as mães se encolherem diante da desfiguração do parto... deu origem a uma profissão regular.

prática do infanticídio, que foi uma das manchas mais profundas da antiga civilização... O infanticídio... ,’ pelas legislações ideais de Platão e Aristóteles, e pelas legislações reais de Licurgo e Sólon” (Lecky, II, 9-11).

Mas não foi apenas a violência pública que foi tolerada e encorajada no tempo de Cristo; o suicídio também era uma virtude. “O suicídio foi aceito, até admirado. A coragem do homem que decide acabar com seu sofrimento e aceitar o descanso eterno foi exaltada pelos filósofos, pois o suicídio provou a verdade da noção filosófica de que o que importa é a qualidade e não a quantidade de tempo que se vive” (Murray, 229).).

Lei e Governo

Supõe-se comumente que Roma nos deu nosso sistema de justiça, mas a lei de Roma na época de Cristo era bastante injusta: “Em uma sociedade tão desigual e desigual como a romana, é óbvio que os direitos formais, embora claros, nenhuma realidade, e que um homem fraco tinha pouco a ganhar indo ao tribunal.”¹²

Veyne dá este exemplo de direito romano:

“Suponha que tudo o que possuo no mundo é uma pequena fazenda.... Um vizinho poderoso cobiça minha propriedade. Liderando um exército de escravos, ele invade minha terra, mata aqueles de meus escravos que tentam me defender, me bate com paus, me expulsa de minha terra e toma minha fazenda. O que posso fazer? Um cidadão moderno poderia dizer, vá ao tribunal... para obter justiça e persuadir as autoridades a restaurar minha propriedade....

“Por um lado, a agressão contra mim por meu vizinho poderoso teria sido considerada uma ofensa estritamente civil; não teria sido abrangido pelo código penal. Caberia a mim, como queixoso, fazer com que o réu aparecesse no tribunal. Em outras palavras, eu teria que arrancar o réu do meio de seu exército particular, prendê-lo e mantê-lo acorrentado em minha prisão particular até o dia do julgamento. Se isso estivesse além do meu poder, o caso nunca teria sido ouvido. ”

Se, no entanto, a vítima de alguma forma conseguisse reunir um exército, capturar seu inimigo, levá-lo a julgamento e vencer, “teria sido minha responsabilidade fazer cumprir esse julgamento, se pudesse [] juiz não podia condenar um réu simplesmente para restituir o que ele havia tomado. Deixando minha fazenda à própria sorte, o juiz me autorizaria a apreender os bens reais e pessoais do meu adversário e vendê-los em leilão, mantendo uma quantia igual ao valor colocado em minha fazenda pelo tribunal. e devolvendo o excedente ao meu inimigo . Quem teria cogitado recorrer a um sistema de justiça tão pouco interessado em punir as transgressões sociais?”

Mas a injustiça sistêmica do sistema jurídico romano foi agravado por sua corrupção sistemática:

“Se passarmos para o próximo estágio da vida humana, o do recém-

The Trinity Review / dezembro de 2002, janeiro, fevereiro, março de
2003
nascido, nos encontramos na presença daquele

¹² Paul Veyne, "O Império Romano", *Uma História da Vida Privada*.
Cambridge, 1987, 166.

The Trinity Review / dezembro de 2002, janeiro, fevereiro, março de 2003

“Um nobre romano (ou mesmo um mero notável) [tinha] mais em comum com [um] 'padrinho' do que com um tecnocrata moderno. Ficar rico por meio do serviço público... nunca foi um obstáculo para tomar o serviço público como um ideal...

“O funcionário honesto é uma peculiaridade das nações ocidentais modernas. Em Roma, todo superior roubava de seus subordinados. O mesmo acontecia nos impérios turco e chinês, onde o *baksheesh* era a regra geral... Toda função pública era uma raquete, os responsáveis 'colocavam o aperto' em seus subordinados e todos juntos exploravam a população. Isso foi verdade durante o período de grandeza de Roma, bem como durante o período de seu declínio... Mesmo os cargos públicos menos importantes... posição que carregava com ela garantia de renda

na forma de suborno....

A burocracia antiga não era nada parecida com a nossa burocracia. Por milênios, os soberanos confiaram em extorsionários para extorquir impostos e controlar seus súditos” (Veyne, 167, 97-98, 100).

Até as renomadas legiões romanas operavam dessa maneira. O historiador romano Tácito nos diz que “os soldados tradicionalmente subornavam seus oficiais para isenção do serviço, e quase um quarto do pessoal de cada regimento podia ser encontrado ocioso pelo campo ou mesmo descansando nos quartéis, desde que seu oficial recebesse sua propina. Os soldados obtinham o dinheiro de que precisavam com roubo e banditismo ou fazendo as tarefas dos escravos. Se um soldado fosse um pouco mais rico que o resto, seu oficial batia nele e acumulava deveres sobre ele até que ele pagasse e recebesse dispensa”.

Cícero escreveu que a “maneira senatorial de ficar rico” era saquear as províncias sob sua jurisdição. Cícero se orgulhava de sua honestidade: depois de governar uma província por um ano, ganhava o equivalente a um milhão de dólares por ano, uma quantia considerada muito pequena por seus pares.

O Mundo Depois de Cristo

Cristo nasceu dentro desta cultura pagã. Mas seu reino, como ele explicou, enquanto estava neste mundo, não era dele (*João* 18:36). Encontrou sua fonte, sua autoridade e seus princípios em outro lugar. Em vez do politeísmo predominante da Grécia e Roma, ele ensinou o monoteísmo: “Eu e meu Pai somos um” (*João* 10:30). Em vez dos deuses pecaminosos e limitados do paganismo, Cristo revelou o Deus santo e transcendente, criador do Céu e da Terra, governante de todas as coisas. Em vez dos deuses pagãos cujos passatempos primários eram violência, imoralidade sexual e indolência, ele ensinou um Deus racional que planeja e trabalha: “Meu Pai trabalha até agora, e eu trabalho” (*João* 5:17). Reiterou e explicou os Dez Mandamentos com suas condenações à idolatria, ao uso de imagens e estatuetas no culto, à profanação, ao desrespeito aos pais e ao Dia do Senhor, à ociosidade, ao assassinato, à imoralidade sexual, ao roubo, à mentira, e da cobiça (*Mateus* 5-7). Ainda mais importante do que a lei, que ele explicou novamente para corrigir todas as interpretações errôneas dos advogados judeus, Cristo revelou o Evangelho da justificação pela fé somente na justiça de Deus,

que sozinho poderia transformar divinamente os homens e as sociedades. Em vez da noção pagã de que se os homens devem ter a verdade, eles devem descobri-la por seu próprio poder, ele ensinou que Deus graciosamente revela a verdade aos homens, e que a verdade revelada é escrita para que todos, não apenas os poucos aristocráticos, possam conhecer.

Contra o totalitarismo dos impérios mundiais pagãos, Cristo ensinou a limitação do poder estatal e a separação entre igreja e estado: “Dai, pois, a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus” (*Mateus* 22:21). . Nem César nem qualquer outro mero homem era *pontifex maximus*. O próprio Cristo foi

o caminho, a verdade e a vida, o único mediador entre Deus e o homem (*João* 14:6; *1 Timóteo* 2:5). Ele negou explicitamente a teoria e a prática política dos pagãos: “Vocês sabem que os governantes dos gentios os dominam, e os grandes exercem domínio sobre eles. No entanto, não será assim entre vós; mas quem quiser tornar-se grande entre vós, seja vosso servo”.

(*Mateus* 20:25-26). Cristo exigiu que os governantes — tanto civis quanto eclesiásticos — servissem, não controlassem, o povo. Ele delineou um papel limitado para o governo civil, não como modelador de almas, como nas filosofias pagãs, mas simplesmente como punidor de criminosos. Ele fundou uma igreja cujo governo era representativo e republicano, cujos oficiais eram eleitos pelo povo e cuja constituição — a Bíblia — foi escrita. Inspirados por suas palavras, os fundadores americanos fizeram seus planos para uma nova República, um governo do povo, pelo povo e para o povo.¹³

Os primeiros cristãos, condenados por pagãos como Celso e Porfírio¹⁴ como estúpidos, tolos e supersticiosos, não foram mortos por sua estupidez, mas porque rejeitaram o valor mais alto da sociedade pagã: o culto do estado totalitário na pessoa do imperador. Os cristãos rejeitaram Aristóteles (“O estado é o mais alto de todos... Os cidadãos pertencem ao estado...”) e acreditaram em Cristo. Cristo, ao morrer pela salvação de homens individuais, exaltou tanto o indivíduo quanto Deus. Deus é eterno e os homens são imortais; nações e governantes vêm e vão com surpreendente rapidez, mas as almas individuais vivem para sempre.

Roma não é uma cidade eterna; apenas os homens individuais desfrutam da vida eterna.

¹³ As palavras, claro, são de Lincoln, mas ele as pegou de John Wyclif, que escreveu sobre sua tradução inglesa da Bíblia no século 14 : “Esta Bíblia é para o governo do povo, por o povo e para o povo”, uma ousada repreensão aos autocratas civis e eclesiásticos. ¹⁴

É um fato estranho que há poucas referências ao cristianismo entre os escritos existentes de estudiosos e filósofos pagãos.

Talvez esses escritos tenham sido perdidos ou destruídos durante a Idade Média por uma igreja totalitária, ou talvez os pagãos eruditos não tenham visto a vinda do cristianismo, assim como pareciam não saber da vinda de Cristo. Como Cristo era judeu e filho de carpinteiro, e o cristianismo não era um movimento das classes aristocráticas, mas das classes desprezadas dos negócios, trabalhadores e escravos, pode não ter

recebido a notícia e logo

The Trinity Review / dezembro de 2002, janeiro, fevereiro, março de 2003

oposição que um movimento das classes altas poderia ter. “Apanha os sábios nas suas astúcias...” (Jó 5:13).

Cristo ensinou que o homem era uma criatura de Deus e o senhor da criação. A ancestralidade do homem não era animal, mas divina, e a Terra foi feita para o homem. Os homens individuais eram imortais; o que eles acreditavam e faziam na Terra teria consequências eternas. Após a morte, eles não desceram a alguma terra sombria, mas cada um foi obrigado a prestar contas de sua vida ao seu criador e juiz. Todos os homens eram iguais perante Deus e sua lei, e cada homem seria julgado individualmente. As classes da sociedade antiga — os nobres, o proletariado, os escravos, os cidadãos, os homens, as mulheres, os judeus, os bárbaros — nada significavam para Deus. Na nova fé cristã, “não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem nem mulher; porque todos sois um em Cristo Jesus” (Gálatas

3:8).

O reino de Cristo cresce apenas por persuasão, nunca por coerção¹⁵ — é uma república de conhecimento, verdade e doutrina, não um império de domínio, compulsão ou violência — e levou séculos para que algumas idéias cristãs fossem compreendidas e acreditadas. No entanto, como o lamento angustiado de Friedrich Nietzsche no século XIX indica tão claramente, a absorção das idéias cristãs foi generalizada, embora longe de ser completa.

A bagunça medieval

Se o Evangelho da justificação somente pela fé tivesse sido pregado com precisão e acreditado amplamente no Império Romano, a história da Europa e do Oriente Médio teria sido muito diferente do primeiro século em diante. Mas não era para ser. O Evangelho foi subvertido e atacado nas próprias igrejas antes mesmo da morte dos apóstolos, e depois que morreram, o legalismo, a noção de que a salvação vem pela fé e pelas obras, tornou-se a principal mensagem das igrejas. O resultado foi uma mistura corrupta de ideias — algumas da Bíblia, muitas da sociedade pagã, algumas inventadas pelos filósofos e teólogos da igreja primitiva.

Um chef da messe medieval foi Orígenes (182-251), que ensinou que Cristo havia semeado as “sementes” da doutrina cristã em cada homem. Cristo “cuidou” do melhor da cultura grega, sua filosofia e sua ética — assim como ele revelou a Lei para os judeus. Portanto, concluiu Orígenes, um cristão não poderia rejeitar nem o Império Romano nem a cultura grega. O homem que aperfeiçoou essa noção no Ocidente (a noção foi adotada também no Oriente) foi Tomás de Aquino (1225-1274), o Doutor oficial da Igreja-Estado Romana, que habilmente teceu os ditos dos primeiros teólogos junto com os de Aristóteles (a quem Tomás chamava reverentemente de “O Filósofo”) para produzir um intrincado sistema de erro que negava o Evangelho e assegurava que a Igreja-Estado Romana perseguiria todos ao seu alcance que falassem o Evangelho.

Thomas defendia a compulsão dos apóstatas e

¹⁵ “Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a

incrédulos e imagens exaltadas como auxílios para se comunicar e adorar o divino. Ele adotou a defesa ortodoxa das imagens oferecida por João de Damasco (675-749), de que “qualquer devoção demonstrada a um objeto material ascende à realidade espiritual que ele representa”. Foi essa religião idólatra da imanência, essa religião empírica, terrena e sensível que a Reforma aboliu naquelas terras onde o Evangelho de Jesus Cristo foi amplamente acreditado pela primeira vez em séculos.

Apesar da mistura de pouca verdade e muito erro que prevaleceu na Idade Média, algumas ideias cristãs tiveram efeito sobre a sociedade civil: “Sob a influência do cristianismo, o direito romano do período pós-clássico reformou o direito de família, dando à esposa uma posição de maior igualdade perante a lei, exigindo o consentimento mútuo de ambos os cônjuges para a validade do casamento, dificultando o divórcio... e abolindo o poder de vida ou morte do pai sobre os filhos; reformou a lei da escravidão, dando ao escravo o direito de recorrer a um magistrado se seu senhor abusasse de seus poderes e até, em alguns casos, o direito à liberdade se o senhor exercesse crueldade, multiplicando os modos de alforria de escravos e permitindo escravos adquirir direitos por parentesco com homens livres; e introduziu um conceito de equidade nos direitos e deveres legais em geral, moderando assim o rigor das prescrições gerais.”¹⁶

As codificações do direito romano que vieram com Justiniano e depois se devem à crença de que “o cristianismo exigia que o direito fosse sistematizado como um passo necessário para sua humanização”.

As ideias cristãs também tiveram algum efeito sobre os invasores que entraram em Roma em 410 d.C.: “Os governantes dos povos germânicos, eslavos e outros povos da Europa durante aproximadamente a mesma época (do quinto ao décimo principalmente de costumes tribais primitivos e regras do feudo de sangue. É mais do que coincidência que os governantes de muitos dos principais povos tribais, da Inglaterra anglo-saxã à Rússia de Kiev, após sua conversão ao cristianismo, promulgaram coleções escritas de leis tribais e introduziram várias reformas... As Leis de Alfredo (cerca de 890 d.C.) começam com uma recitação dos Dez Mandamentos e trechos da lei mosaica...”

Mas o impacto do cristianismo durante a Idade Média e a Idade Média foi mínimo; o foco da Igreja-Estado Romana não era a propagação do Evangelho (na verdade, a Igreja-Estado Romana perseguia aqueles que propagavam o Evangelho), mas a construção de um chamado império cristão: a cristandade. Parte da culpa da cristandade deve recair sobre o imperador Constantino.

guardar todas as coisas que vos ordenei”.
(Mateus 28:19-20).

The Trinity Review / dezembro de 2002, janeiro, fevereiro, março de 2003

Constantino: Construtor da Cristandade

Sugerir, como alguns historiadores (e muitos outros com machados para amolar) fizeram, que Constantino resgatou o

¹⁶ Harold Berman, *A Interação do Direito e da Religião*. Londres, 1974, 53.

Igreja cristã da perseguição é fantasia. Os cristãos desfrutaram de total tolerância no Império Romano de 260-302. Mais importante, os cristãos foram perseguidos pelo regime que Constantino construiu.

O que estava acontecendo com as igrejas durante esse período é significativo. Como disse Peter Brown, um dos historiadores antigos mais confiáveis: “A conversão de um imperador romano ao cristianismo, de Constantino em 312, pode não ter acontecido – ou, se tivesse acontecido, teria assumido um significado totalmente diferente – se não tivesse sido precedida, por duas gerações, pela conversão do cristianismo à cultura e aos ideais do mundo romano.”¹⁷ Brown vê duas gerações de acomodação, compromisso, corrupção e, finalmente, conversão das igrejas à sua cultura. Mas o mundanismo das igrejas começou muito antes, mesmo antes da morte dos apóstolos.

O que o estabelecimento Constantino da Igreja Católica significava era que os bispos – observe que a forma bíblica e presbiteriana de governo da igreja havia sido abandonada pelas igrejas antes da época de Constantino – os bispos agora se juntavam aos burocratas para formar uma nova classe governante no Império. Os bispos da Itália tornaram-se os herdeiros do Senado Romano, e o bispo de Roma tornou-se o sucessor do Imperador.

Em todo o Império, os bispos católicos usavam monges (ascetas comunistas) como terroristas para impor seu governo:

“Bancos de vigilantes monásticos, liderados por Schenudi de Atri (falecido em 466) patrulhavam as cidades do Alto Egito saqueando as casas dos notáveis pagãos em busca de ídolos. No norte da África, monges errantes semelhantes, os celeiros de Circum, armados com porretes chamados 'Israels', espionavam as grandes propriedades, seu grito de 'Louvado seja Deus' mais temível do que o rugido de um leão da montanha” (104). (E nos perguntamos de onde os muçulmanos tiraram a ideia de seu grito de guerra, “Allah Akbar.”)

“O bispo cristão”, relata Brown, “agora governando grandes congregações e apoiado pela violência dos monges, veio à tona. O imperador Teodósio cometeu o banho de sangue de Tessalônica [massacrando os moradores da cidade em 390]... mas ele entrou para a história como Teodósio, o 'Grande', o monarca católico exemplar” (106).

Com seu estabelecimento legal, a Igreja Católica tornou-se rica e sangrenta: “A riqueza pode ser usada para cobrir os custos de uma absolvição no Último Dia.... A partir do século V, esse rico dilúvio inundou a Igreja Cristã 'para a remissão dos pecados'. A ascensão da posição econômica da Igreja Cristã foi repentina e dramática: cresceu rapidamente como uma companhia de seguros moderna. No século VI, a renda do bispo de Ravena era de 12.000 peças de ouro; o bispo de uma pequena cidade recebia um salário tão grande quanto o de um governador provincial senatorial” (109). O sistema romano tradicional de exploração dos inferiores pelos superiores, honrado pela época, com toda a hierarquia explorando o povo, havia sido adotado pela Igreja-Estado Católica.

Essa exploração só foi possível porque a Igreja Católica já havia rejeitado o Evangelho da salvação pela graça gratuita. A rejeição da Igreja Católica do Evangelho da justificação somente pela fé tornou todos os seus erros e atrocidades subsequentes não apenas possíveis, mas inevitáveis.

Constantino não estabeleceu o cristianismo como a única religião legal do Império (um ato que teria sido anticristão); ele estabeleceu a Igreja Católica como a única igreja legal no Império, um ato anticristão diferente.

Alguns argumentaram que a intenção inicial de Constantino era a liberdade de culto para todos. O Edito de Milão, emitido em 313 com o imperador Licínio, dizia, em parte: “Visto que vimos que a liberdade de culto não deve ser negada... livre arbítrio de cada homem.” Eusébio (263-339), bispo de Cesaréia, relatou um rescrito do Edito de Milão enviado a um governador de província com estas palavras: que cada homem, de acordo com sua própria inclinação e desejo, deve ter permissão para praticar sua religião como ele escolheu.... Todo homem pode ter permissão para escolher e praticar a religião que desejar.”¹⁸ Qualquer que seja a intenção de Constantino – reconhecer a genuína liberdade de religião ou simplesmente usar a liberdade de religião como uma transição do paganismo estabelecido para o catolicismo estabelecido – a liberdade de religião não foi o resultado. de seus éditos.

No mesmo ano em que publicou o Edito de Milão, Constantino ordenou a seu prefeito na África que perseguisse os donatistas: movido à ira, não apenas contra a raça humana, mas também contra mim mesmo, a cujo cuidado Ele, por Sua vontade celestial, confiou o governo de todas as coisas terrenas. Pois poderei realmente e plenamente poder sentir-me seguro e sempre esperar prosperidade e felicidade da pronta bondade do Deus mais poderoso, somente quando vir todos venerando o Deus santíssimo no culto próprio da religião católica com fraternidade harmoniosa. de adoração”.

Constantino não estabeleceu o cristianismo porque Constantino, francamente, não sabia o que é o cristianismo. A lenda de Constantino, que o próprio Constantino promoveu, diz que antes da Batalha da Ponte Mílvia, ele teve uma visão de uma cruz - mas os romanos pagãos tiveram visões por séculos. Na verdade, esta não foi a primeira visão que Constantino teve; ele já havia visto Apolo, que havia garantido suas vitórias militares anteriores. Mas em uma festa de encerramento do Concílio de Nicéia em 325 (que ele havia convocado), Constantino primeiro deu um relato público – 13 anos após o fato – da aparição que ele havia experimentado, e Eusébio, seu biógrafo obsequioso, relatou para nós:

¹⁷ Peter Brown, *O Mundo da Antiguidade Tardia, AD 150-750*.
Londres e Nova York, 1971, 82.

¹⁸ Eusébio, *A História da Igreja*, Livro 10, parágrafo 5.

“O Imperador disse que por volta do meio-dia, quando o dia já começava a minguar, ele viu com seus próprios olhos no céu acima do Sol uma cruz composta de luz, e que havia uma inscrição que dizia: 'Por esta conquista.' Ao ver, disse ele, o espanto tomou conta dele e de todas as tropas que o acompanhavam na viagem e eram observadores do milagre. Ele disse, além disso, que duvidava dentro de si mesmo qual poderia ser a importância dessa aparição. E enquanto ele continuava a ponderar e raciocinar sobre seu significado, a noite de repente veio; então, em seu sono, o Cristo de Deus apareceu a ele com o mesmo sinal que ele havia visto nos céus, e lhe ordenou que fizesse uma semelhança daquele sinal que ele havia visto nos céus, e o usasse como salvaguarda. um encanto – JR] em todos os compromissos com seus inimigos. Ao raiar do dia, ele se levantou e comunicou a maravilha a seus amigos; e então, reunindo os trabalhadores de ouro e pedras preciosas, sentou-se no meio deles e descreveu-lhes a figura do sinal que tinha visto, pedindo-lhes que o representassem em ouro e pedras preciosas. E essa representação eu mesmo tive oportunidade de ver.”¹⁹

Se de fato Constantino viu ou ouviu algo, foi uma visão e uma voz demoníaca, não uma palavra de Deus. Brown nos conta que depois de sua “conversão” “O primeiro imperador cristão aceitou honras pagãs dos cidadãos de Atenas. Ele saqueou o Egeu em busca de estátuas clássicas pagãs para adornar Constantinopla. Ele tratou um filósofo pagão como um colega. Ele pagou as despesas de viagem de um sacerdote pagão que visitou os monumentos pagãos do Egito” (88). Sol Invictus, o deus pagão do Sol, foi homenageado nas moedas de Constantino até 321.

Foi a este homem que se atribui o crédito por fazer do “Cristianismo” a religião legal do Império, mas Constantino, ele próprio não sabendo o que é o Cristianismo, recorreu aos bispos católicos, que lhe deram várias respostas. Isso era intolerável. E por isso, Constantino convocou concílios na tentativa de unificar teologicamente o Império, assim como o havia unificado militarmente em 324, quando derrotou Licínio, seu último rival pelo poder. Conselhos reunidos em resposta às suas ordens e às dos imperadores subsequentes; e as formulações de credo do século IV em diante tornam-se as formulações de credo aprovadas pelo imperador romano. Todos os que discordaram foram banidos do Império ou punidos de maneiras mais dolorosas.

Em 324, depois de derrotar Licínio, Constantino proclamou-se chefe da Igreja Católica e convocou bispos a Nicéia para um concílio no qual ele próprio presidiria. Duzentos e cinquenta obedeceram. Em outra convocação, ele escreveu: “Tal é a consideração que presto à legítima Igreja Católica que desejo que você não deixe cisma ou divisão de qualquer tipo em qualquer lugar”.

Não só o Imperador não permitia desacordo (pois deve haver unidade de doutrina para corresponder à unidade política do Império), ele também começou a subsidiar a Igreja Católica:

“Já que resolvi que em todas as províncias, a saber, África, Numídia e Mauritânia, certos ministros nomeados da lícita e santíssima Religião Católica deveriam receber alguma contribuição para as despesas, enviei uma carta a Ursus, o Eminentíssimo Oficial de Finanças de África, informando-o de que deve providenciar a transferência para Vossa Firmeza [Ceciliano, bispo de Cartago] de 3.000 *folles* em dinheiro [uma quantia enorme – JR]. Sua tarefa ao receber esta quantia em dinheiro será fazer com que ela seja distribuída entre todas as pessoas acima mencionadas de acordo com o cronograma fornecido a você por Hosius [bispo de Córdoba e conselheiro religioso de Constantino]. Se mais tarde você achar que ainda não tem meios para levar a cabo minhas intenções neste assunto em relação a todos eles, você não deve hesitar em pedir a Heráclidas, nosso tesoureiro, o que achar necessário. Ordenei-lhe pessoalmente que, se Vossa Firmeza lhe pedir qualquer quantia, ele providencie sua transferência para você sem questionar.”²⁰ Em 315, Constantino emitiu um decreto tornando crime o proselitismo dos judeus. Seu objetivo em tudo isso era garantir que o “culto adequado da religião católica” fosse observado em todo o Império: tanto para que cada homem pudesse praticar sua religião como quisesse. Um século depois, a pena para o proselitismo judaico era a morte.

Roma papal

Quinze séculos após o nascimento de Cristo, pouco havia mudado na Europa Ocidental, a não ser os nomes dos deuses adorados. Os europeus ocidentais do século XV ainda viviam em um mundo encantado — um mundo de magia e milagres.

Em vez dos doze deuses da Roma antiga, havia os cultos dos doze apóstolos, cujas relíquias podiam curar doenças, controlar o clima e infligir danos àqueles que se opunham a eles.

Em vez das divindades departamentais da Roma antiga, havia os santos departamentais da Roma papal.

Em vez do culto de Diana, Rainha do Céu, havia o culto de Maria, Rainha do Céu.

Os feriados,²¹ procissões, sacrifícios e rituais continuaram; as aparições, peregrinações, relíquias e santuários permaneceram; os concursos de gladiadores foram substituídos por *autos de fé* em que os religiosos cantavam os *Salmos* e rezavam a liturgia. Laing escreveu: “embora haja uma notável diferença no caráter dos seres sobrenaturais que no século IV sucederam às inúmeras funções dos antigos espíritos departamentais, há pouca ou nenhuma mudança na atitude da mente...”.

Os fundadores da Igreja-Estado Católica “estavam profundamente interessados em ganhar os pagãos para a fé, e conseguiram. Mas, sem dúvida, um elemento de seu sucesso foi a inclusão em seu sistema da doutrina da veneração dos santos. Eles parecem ter sentido que para fazer qualquer progresso, era necessário que eles combinassem os enxames de espíritos disponíveis para os pagãos com um

¹⁹ Eusébio, *Vida de Constantino*, Livro 1, capítulo 30.

²⁰ Eusébio, *A História da Igreja*, Livro 10, capítulo 6.

²¹ Na Alemanha pré-Reforma, havia 161 dias de jejum e abstinência a cada ano.

multidão de santos e mártires maravilhosos. O quão longe eles estavam preparados para ir é indicado por sua atitude favorável em relação à veneração pagã de Virgílio, que equivalia quase à deificação.... Os santos sucederam ao culto dos mortos assim como sucederam ao culto das divindades departamentais e aos pequenos deuses da casa romana.... Relatos de milagres operados por seres humanos eram comuns entre os antigos romanos e eram aceitos pela grande massa de pessoas sem dúvida.... Os cristãos [romanos] adaptaram-se à atitude pagã. Eles combinaram os milagreiros dos pagãos com os santos que fazem maravilhas; e com seu sucesso o número de milagres aumentou. A santidade das relíquias, bem estabelecida entre os pagãos, adquiriu muito maior voga em [medieval]

tempos cristãos e recebeu um grau de ênfase que nunca teve antes.... Como os heróis e imperadores divinizados dos tempos pagãos, os santos eram homenageados com altares, edifícios sagrados, incensos, luzes, hinos, *ex-voto* oferendas, festivais com iluminações e alta hilaridade, orações e invocações. Tornaram-se divindades intermediárias..."²²

Um historiador católico romano descreveu a religião de Europa do início do século XVI com estas palavras: "Em 1509, quando João Calvino nasceu, a cristandade ocidental

ainda compartilhava uma religião comum de imanência. O céu nunca esteve muito longe da Terra. O sagrado foi difundido no

profano, o espiritual no material. O poder divino, encarnado na Igreja [romana] e em seus sacramentos, descia através de inúmeros pontos de contato para se fazer sentir: perdoar ou punir, proteger contra os estragos da natureza, curar, acalmar e trabalhar todos os tipos de maravilhas. Os sacerdotes podiam absolver adúlteros e assassinos, ou abençoar campos e gado.

Durante suas vidas, os santos podiam impedir que relâmpagos caíssem, restaurar a visão dos cegos ou pregar para pássaros e peixes. Livres das limitações de tempo e espaço, eles poderiam fazer ainda mais através de suas imagens e relíquias após a morte. Um olhar piedoso para uma estátua de São Cristóvão pela manhã assegurava proteção contra doenças e morte ao longo do dia. Enterro no hábito de São Francisco melhorou as perspectivas para a vida após a morte. Uma peregrinação a Santiago, onde o corpo do apóstolo Tiago foi depositado por anjos, ou a Cantuária... poderia fazer um coxo andar, ou apressar a libertação de uma alma do purgatório.

O mapa da Europa estava repleto de lugares sagrados; a vida pulsava com a expectativa do milagroso. Na mente popular e em grande parte do ensino oficial do [romano]

Igreja, quase tudo era possível. Pode-se até comer a carne do Cristo ressuscitado em uma hóstia consagrada.

"Grande parte da religião medieval tardia era mágica, e... a

diferença entre os homens da igreja e os magos estava menos no que eles alegavam que podiam fazer do que na autoridade em que suas reivindicações se baseavam. Isso é ilustrado pelo crucifixo que 'controlava' o clima em Tallard.... A piedade medieval

tardia mostrou um desejo quase irreprímível de localizar o

²² Laing, 8-9, 83, 120-121.

The Trinity Review / dezembro de 2002, janeiro, fevereiro, março de
poder divino, torná-lo tangível e controlá-lo.”²³

²⁴ Steven Ozment, *A Reforma nas Cidades*. Yale, 1975, 16.

²⁵ Veja Philip Schaff, *História da Igreja Cristã. Volume VII: A Reforma Alemã*, 304-305.

A Reforma Cristã

A Sobrevivência da Religião Romana Foi

somente com a Reforma Cristã do século XVI que o Evangelho de Jesus Cristo libertou a Europa Ocidental da mistura da superstição pagã e da Igreja Romana que prevaleceu durante a Idade Média.

(O Oriente nunca teve uma Reforma, e em grande parte foi vítima do Islã.) A literatura religiosa popular na Europa no século XV era quase inteiramente devotada ao culto de Maria e dos Santos.

Quanto à literatura menos popular e mais acadêmica, um historiador relatou que “depois de 50 anos, uma vida inteira de busca diligente, ele não encontrou em nenhum lugar no século XV uma única defesa da salvação, seja pela fé somente ou pela confiança exclusiva em obras externas e indulgências; em todos os lugares a salvação era concebida como vindo apenas pela mais sincera penitência, auto-aperfeiçoamento ativo e reconhecimento da graça de Deus.”²⁴ Foi essa religião mestiça que a Reforma Cristã do século XVI aboliu em grande parte da Europa Ocidental.

Igreja e Estado, Separados e Reformados

A corajosa rejeição de Martinho Lutero — em nome da revelação escrita, lógica e liberdade — dessa religião de obras de fé lançou o fundamento teológico necessário para o surgimento de uma sociedade livre, humana e civilizada do paganismo antigo e medieval da cristandade. O resultado foi a liberdade religiosa e suas filhas: liberdade política, civil e econômica.

O primeiro princípio da Reforma foi a revelação proposicional divina, não contraditória. Isto é claramente visto na declaração de Lutero em seu julgamento perante os oficiais reunidos da

Igreja-Estado Romana, a Dieta de Worms, em abril de 1521: nem o Papa nem os concílios sozinhos; sendo evidente que eles muitas vezes erraram e se contradisseram), estou conquistado pelas Sagradas Escrituras citadas por mim, e minha consciência está ligada à Palavra de Deus: não posso e não vou retratar nada, pois é inseguro e perigoso fazer qualquer coisa contra a consciência.”²⁵

A Reforma começou com uma rejeição da contradição lógica, não uma aceitação dela. Os papas e concílios não tinham autoridade — e não podiam ter autoridade — porque eles se contradiziam. Ao contrário de muitos teólogos “cristãos”, que nos exortam a abraçar a contradição, o paradoxo, a tensão, a antinomia e o mistério como

²³ Carlos Eire, *Guerra Contra os Ídolos: A Reforma do Culto de Erasmo a Calvino*. Cambridge, 1986, 1, 11.

símbolos e exemplos da verdade divina,²⁶ Lutero claramente entendido que uma Palavra autorizada de Deus deve ser clara e não

contraditória. Lutero simplesmente ecoou o apóstolo Paulo: "Pois, se a trombeta der um som incerto, quem se preparará para a batalha?" (1 *Coríntios* 14:8).

Com sua rejeição de fontes contraditórias, Lutero varreu séculos de tolice religiosa piedosa.

Mas não foi simplesmente na rejeição da contradição que a Reforma se apoiou; repousava nas Sagradas Escrituras, isto é, na revelação escrita de Deus. A Bíblia sozinha é a revelação não contraditória de Deus, e Deus colocou toda a sua revelação por escrito. Lutero enfatizou tanto essa ideia que ficou conhecida como *Schriftprinzip*: o princípio da escrita. Aqui estão algumas das declarações de Lutero sobre esse princípio fundamental, que ele chama de "axioma" e "primeiro princípio": "Não pretendemos nos gloriar em nada além da Sagrada Escritura, e estamos certos de que o Espírito Santo não pode se opor e se contradizer."

"Aprendi a considerar apenas a Sagrada Escritura inerrante. Todos os outros escritos eu li de tal maneira que, por mais sábios ou santos que sejam, não considero verdadeiro o que eles ensinam, a menos que provem pelas Escrituras ou pela razão que deve ser assim."

"Deixando de lado todos os escritos humanos, devemos gastar cada vez mais e mais persistente trabalho somente nas Sagradas Escrituras....

Ou diga-me, se puder, quem é o juiz final quando as declarações dos pais se contradizem? Neste caso, o julgamento das Escrituras deve decidir a questão, o que não pode ser feito se não dermos às Escrituras o primeiro lugar... intérprete, aprovando, julgando e iluminando todas as declarações de todos os homens.... Portanto, nada exceto as palavras divinas devem ser os primeiros princípios para os cristãos; todas as palavras humanas são conclusões tiradas delas e devem ser trazidas de volta a elas e aprovadas por elas".

"A própria Escritura... somente é a fonte de toda a sabedoria."

"E mesmo nos escritos dos pais não devemos aceitar nada que não esteja de acordo com as Escrituras. Somente a Escritura deve permanecer o juiz e mestre de todos os livros."

Agora o *Schriftprinzip* teve efeitos profundos e revolucionários tanto no pensamento quanto na sociedade. Ao reconhecer o status único e axiomático da Sagrada Escritura, Lutero desdivinizou todos os outros escritos e tradições. Por não serem divinamente inspirados, não tinham autoridade na igreja. Isso libertou os cristãos do Ocidente da tirania eclesiástica que os dominava há mais de mil anos. A "liberdade do

homem cristão" tornou-se um slogan da Reforma, e a primeira liberdade foi a liberdade dos ditames dos líderes da igreja.

Axioma cristão, a visão de Lutero resultou em mudanças revolucionárias em toda a sociedade: A igreja cristã agora estava sob o domínio da lei, em vez do domínio dos homens. Essa lei — a Palavra escrita de Deus em sua totalidade — era pública, permanente, imutável, autointerpretada e destinada a ser compreendida e crida por todos os cristãos. Isso implicava muitas coisas, algumas das quais eram (1) Cada homem deveria ler a Palavra de Deus por si mesmo—

Lutero nunca se cansou de apontar que as cartas do Novo Testamento são dirigidas a todos os cristãos, não a uma elite — e para fazer seus próprios julgamentos, não confiando na autoridade dos líderes da igreja para lhe dizer o que pensar, mas apenas nas Escrituras. para sua própria interpretação.

- (2) Isso, por sua vez, exigia uma população alfabetizada, e a educação universal, não elitista, tornou-se uma das principais reformas sociais decorrentes da Reforma.
- (3) Os oficiais da igreja detinham apenas autoridade ministerial, delegada, e Cristo através de sua Palavra, a Bíblia, delegou essa autoridade. Se eles excedessem essa autoridade, suas decisões não eram obrigatórias para a consciência.
- (4) Tanto os oficiais quanto as instituições deveriam ser julgados pelos cristãos comuns quanto a se estavam obedecendo às Escrituras ou excedendo a autoridade que lhes era concedida pelas Escrituras. Os reformadores frequentemente apelavam para passagens como *Atos* 17:11, *1 Coríntios* 10:15 e *1 Coríntios* 14:29, nas quais os cristãos comuns são ordenados a julgar, e elogiados por julgar, as palavras dos apóstolos e profetas pelas palavras divinamente inspiradas. das Escrituras.
- (5) Toda a revelação de Deus foi escrita nos 66 livros da Bíblia, aos quais nada poderia ser acrescentado, seja por clérigos reivindicando tradição antiga ou entusiastas reivindicando nova revelação.

A revolução realizada pela primeira vez nas igrejas não pode se limitar a elas, mas rapidamente se espalhou para os governos civis. Não apenas houve uma redução no poder das igrejas nas sociedades protestantes, mas também uma redução no tamanho e escopo do governo. Por exemplo, Steven Ozment relata que "quando a Reforma se consolidou em Rostock em 1534, trouxe não apenas o fim dos privilégios do clero, mas também o acordo do governo para reduzir seu próprio número em cerca de um terço", e submeter-se a uma contabilidade anual pormenorizada (122). Karl Holl, professor de História da Igreja na Universidade de Berlim (1906-1926), escreveu: "... foi a Reforma que primeiro estabeleceu um limite rígido para o poder absoluto do Estado."²⁷

The Trinity Review / dezembro de 2002, janeiro, fevereiro, março de
2003

Ao reconhecer que um texto - os 66 livros da Bíblia inspirados por
Deus, como disse 2 *Timóteo* 3:16 - é o

O indivíduo, pela primeira vez na história humana, foi amplamente
reconhecido como a criação direta de Deus, como a imagem de
Deus e como o redimido de Deus. "A descoberta da doutrina da
justificação elevou a independência do indivíduo", escreveu Holl (30).
Foi a pessoa individual - a alma humana - que foi libertada

²⁶ A lista de teólogos e escolas de pensamento que ensinam isso é
longa: pensa-se imediatamente nos neo-ortodoxos, mas é preciso
acrescentar místicos de todas as denominações; proponentes da
teologia negativa e analógica, incluindo tomistas e vanilianos; e
alguns que afirmam ser reformados, como JI Packer.

²⁷ *O Significado Cultural da Reforma*, 1911, 53.

tiranía pagã e medieval pela Reforma, e dessa liberdade surgiu uma sociedade livre, humana e civilizada.

Harold Berman argumentou que “a chave para a renovação do direito no Ocidente a partir do século XVI foi o conceito protestante do poder do indivíduo, pela graça de Deus, de mudar a natureza e criar novas relações sociais através do exercício de sua vontade. . O conceito protestante da vontade individual tornou-se central para o desenvolvimento do direito moderno de propriedade e contrato. A natureza tornou-se propriedade. As relações econômicas tornaram-se contrato... Os direitos de propriedade e contrato assim criados eram tidos como sagrados e invioláveis, desde que não contrariassem a consciência... E assim a secularização do Estado, no sentido restrito da remoção de controles eclesiásticos a partir dele, foi acompanhado por uma espiritualização, e mesmo uma santificação, da propriedade e do contrato” (64-65).

Depois de Lutero veio Calvino: “O calvinismo também teve efeitos profundos sobre o desenvolvimento da lei ocidental, e especialmente sobre a lei americana. Os puritanos levaram adiante o conceito luterano da santidade da consciência individual²⁸ e também, na lei, a santidade da vontade individual refletida nos direitos de propriedade e contrato. Os puritanos do século XVII, incluindo homens como [John] Hampden, [John] Lilburne, [Walter] Udall, William Penn e outros, por sua desobediência à lei inglesa, lançaram as bases para a lei inglesa e americana de direitos civis e liberdades civis expressas em nossas respectivas constituições: liberdade de expressão e de imprensa, livre exercício de religião, o privilégio contra a autoincriminação, a independência do júri em relação ao ditado judicial, o direito de não ser preso sem justa causa e muitos outros direitos semelhantes. e liberdades” (66-67).

A Reforma também reconheceu a distinção de Cristo entre Deus e César (uma distinção que havia sido negada ou obscurecida nas sociedades antigas e medievais, tanto no Oriente quanto no Ocidente) e separou as instituições da Igreja e do Estado. O estado não recebeu sua autoridade da ou através da igreja – em *Romanos* 13, Paulo ensinou que os governadores civis receberam sua autoridade diretamente de Deus, não do papa – e a igreja não recebeu sua autoridade do estado ou através dele – Cristo nomeou um governo para a igreja, com seus próprios oficiais e autoridade, separado e distinto do governo civil. A igreja era uma instituição completa no primeiro século, não uma que foi completada apenas pela ascensão de Constantino ao poder no quarto século.

Desenvolvimento Econômico

²⁸ “Lutero também estabeleceu a liberdade de consciência, cuja defesa ele fez uma obrigação individual, como um princípio racional para o Estado.... O princípio básico de Lutero foi adotado por seus seguidores. Observou-se logo na primeira oportunidade que se ofereceu, a visita ao Eleitorado da Saxônia em 1527-8.

Nesta ocasião, o Eleitor da Saxônia renunciou explicitamente à coerção forçada de quaisquer súditos à sua fé.... Esta ocorrência em um pequeno território alemão teve um significado histórico geral. Foi um afastamento de uma tradição de mais de mil anos...” (Holl, 54). E

assim a Reforma começou a desfazer os erros de Constantino.

The Trinity Review / dezembro de 2002, janeiro, fevereiro, março de 2003

Foram as nações mais afetadas pela Reforma que acabaram primeiro com a escravidão e a servidão, não apenas porque reconheceram a liberdade do homem cristão e o sacerdócio de todos os crentes, mas também porque perceberam que todos os homens são criados à imagem de Deus. , e que nenhum homem é naturalmente inferior a outro. A Reforma causou uma revolução no pensamento sobre a dignidade do trabalho, e o trabalho tornou-se uma vocação; as boas obras tornaram-se as tarefas realizadas na busca da vocação de alguém - sem contar contas, acender velas ou comprar indulgências. O resultado foi um surto de atividade econômica que transformou os países protestantes, tornando-os as nações mais prósperas, inventivas e poderosas da Terra.

No século XIX, era um truismo que as diferenças econômicas e políticas entre as nações se deviam às suas diferentes religiões. Em 1845, Charles Dickens, descrevendo a diferença gritante entre um cantão suíço protestante e um cantão católico romano, escreveu:

“Do lado protestante, limpeza, alegria, indústria, educação, aspiração contínua por coisas melhores. Do lado católico, sujeira, doença, ignorância, miséria e miséria. Tenho observado isso constantemente desde que vim para o exterior, que tenho um triste receio de que a religião da Irlanda esteja na raiz de todas as suas tristezas .”

Um historiador econômico de meados do século XX relatou que “não encontrei, repito, nenhum escritor, católico ou não católico, que contestasse seriamente a afirmação de que os países protestantes eram geralmente mais prósperos do que os católicos.... Houve um acordo quase universal antes de [Max] Weber [escrever *The Protestant Ethic and the Spirit of Capitalism*]... que havia uma estreita associação histórica entre o protestantismo e o desenvolvimento do capitalismo em suas formas modernas.”³⁰ seis maneiras pelas quais o protestantismo deu origem à liberdade e prosperidade na Europa

Ocidental:

- (1) o protestantismo permitiu que o intelecto se dedicasse a atividades seculares, não apenas religiosas;
- (2) o protestantismo trouxe educação para as massas;
- (3) O protestantismo não encorajou a indolência e aversão e desdém pelo trabalho como o catolicismo romano fez;
- (4) O Protestantismo defendeu a independência e responsabilidade individual;
- (5) o protestantismo criou um tipo superior de moralidade; (6) O Protestantismo promoveu a separação entre Igreja e Estado.³¹

Uma nova civilização não era a intenção de Lutero; no início da Reforma, ele nem mesmo pensava em organizar uma nova igreja, muito menos uma nova sociedade. Mas uma nova civilização era a intenção de Deus. A primeira preocupação de Lutero era a salvação eterna de sua própria

²⁹ Carta ao Sr. Foster, citada em Ernest Phillipps, *Papal Mercadoria*. Londres, nd, 169-170.

³⁰ Jacob Viner, *Pensamento Religioso e Sociedade Econômica*, Durham, 1978, 182, 185.

³¹ Felix Rachfahl, “Kapitalismus und Calvinismus”, 1909.

alma, e Deus transformou seu terror em alegria, mostrando-lhe, a partir das Escrituras, a doutrina da justiça perfeita e imputada de Cristo recebida somente pela fé. Essa doutrina foi ensinada de forma especialmente clara nas cartas de Paulo aos Romanos e aos Gálatas.

No século XVI, Deus fez com que o Evangelho da justificação somente pela fé fosse amplamente pregado e acreditado na Europa Ocidental, usando Lutero e Calvino e muitos outros para cumprir seu propósito de construir seu reino. Porque o Evangelho foi amplamente acreditado, Deus abençoou os crentes na Europa Ocidental e América além de qualquer coisa que eles poderiam ter imaginado, e suas bênçãos se espalharam pela sociedade em geral, criando o que hoje chamamos de civilização ocidental. Cristo havia prometido isso no Sermão da Montanha:

“Por isso vos digo: não vos preocupeis com a vossa vida, com o que comereis ou com o que bebereis; nem sobre o seu corpo, o que você vai vestir. A vida não é mais do que o alimento e o corpo mais do que a roupa? Olhe para as aves do céu, pois elas não semeiam, nem ceifam, nem ajuntam em celeiros; no entanto, seu Pai celestial os alimenta. Você não tem mais valor do que eles?

“Qual de vocês, preocupado, pode acrescentar um côvado à sua estatura? Então, por que você se preocupa com roupas? Considere os lírios do campo, como eles crescem: Eles não trabalham nem fiam; e ainda vos digo que nem mesmo Salomão em toda a sua glória se vestiu como um destes. Ora, se Deus assim veste a erva do campo, que hoje existe, e amanhã é lançada no forno, não vos vestirá muito mais, ó homens de pouca fé?

“Portanto, não se preocupe, dizendo: 'O que vamos comer?' ou 'O que vamos beber?' ou 'O que devemos vestir?' Pois depois de

todas essas coisas os gentios procuram. Pois seu Pai celestial sabe que você precisa de todas essas coisas. Mas buscai primeiro o reino de Deus e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas”.

Todas essas coisas – as coisas que chamamos de civilização ocidental – foram adicionadas aos cristãos europeus e americanos, em uma escala historicamente sem precedentes, exatamente como Cristo havia prometido. E eles foram adicionados porque suas prioridades eram diretas: eles buscavam primeiro o Reino de Deus e sua justiça imputada, não sua própria justiça ou prosperidade.

Judéia Contra Roma

Lutero rejeitou os erros de Constantino e seus sucessores nas Igrejas Católica e Ortodoxa. Ele escreveu: “É com a Palavra que devemos

lutar, pela Palavra devemos derrubar e destruir o que foi estabelecido

pela violência. Não farei uso da força contra os supersticiosos e incrédulos.... Ninguém deve ser constrangido. A liberdade é a própria essência da fé... Pregarei, discutirei e escreverei; mas não constrangerei ninguém, pois a fé é um ato voluntário.... A Palavra de Deus deve ter permissão para trabalhar sozinha, sem nosso trabalho ou interferência. Por quê?

Porque não está em meu poder moldar os corações dos homens como o oleiro molda o barro... Não posso ir além de seus ouvidos; seus corações eu não posso alcançar. E já que eu não posso

The Trinity Review / dezembro de 2002, janeiro, fevereiro, março de 2003
colocar fé em seus corações, eu não posso, nem devo, forçar ninguém a ter fé. Isso é obra somente de Deus.... Devemos pregar a Palavra, mas os resultados devem ser deixados unicamente para a boa vontade de Deus.”

Apesar do enorme progresso feito na Europa Ocidental e nos Estados Unidos desde o século XVI, um ressurgimento do paganismo antigo e medieval agora ameaça a civilização ocidental. O paganismo da Roma papal fez um ressurgimento inesperado no século XX, e o paganismo romano antigo também está em ascensão.³² Entre os filósofos modernos, o alemão do século XIX Friedrich Nietzsche compreendeu claramente a “reavaliação de todos os valores [pagãos]” que o cristianismo representa. Em sua *Genealogia da Moral* Nietzsche escreveu: “O símbolo desta luta, inscrito em letras legíveis em toda a história humana, é 'Roma contra Judéia, Judéia contra Roma.' Até agora não houve evento maior do que esta luta, esta questão, esta contradição mortal.... Tem-se o direito de vincular a salvação e o futuro da raça humana com o incondicional

predomínio de valores aristocráticos, valores romanos.”³³

Nietzsche negou que o homem seja a imagem de Deus: “Nós não mais [depois de Darwin] derivamos o homem do 'espírito' ou da 'divindade'; nós o colocamos de volta entre os animais. O homem não é de modo algum a coroa da criação; cada ser vivo está ao lado dele no mesmo nível de perfeição.”³⁴ Antecipando o movimento ambientalista neopagão do século XX, Nietzsche declarou: inventividade do nosso

técnicos e engenheiros, é arrogância.”³⁵ O paganismo anticristão, anticapitalista e aristocrático de Nietzsche foi um fator na erupção do paganismo político e econômico no século XX. Ele “acolhe todos os sinais de que uma era mais viril e guerreira está prestes a começar, uma era que, acima de tudo, honrará o valor mais uma vez”.

Essa era guerreira começou no século XX e não mostra sinais de terminar no século XXI. Em vez disso, as religiões medievais ressurgentes do catolicismo, do ortodoxo e do islamismo estão sendo adicionadas ao renascimento do paganismo antigo no século XX. Só Deus pode impedir seu triunfo sangrento e, se o fizer, será por meio

³² Alguns dos romances mais populares do final do século XX foram escritos por medievalistas, e sua ação se passa em mundos de fantasia encantados que lembram os mundos do paganismo antigo e medieval. Esses romances, às vezes elogiados pelos críticos como alegorias cristãs, são desprovidos de figuras e ideias cristãs, e seus autores negam explicitamente que sejam histórias cristãs.

³³ Primeiro ensaio, seção 16.

³⁴ *O Anticristo*, seção 14. Compare Nietzsche com Calvino, que escreveu: “Os próprios homens... são o ornamento e a glória mais ilustres da Terra. Se eles falhassem, a Terra exibiria um cenário de desolação e solidão, não menos hediondo do que se Deus a despojasse de todas as suas outras riquezas” (Comentário *ao Salmo* 24).

³⁵ *A genealogia da moral*, terceiro ensaio, seção 9.

³⁶ *A Gaia Ciência*, 283.

The Trinity Review / dezembro de 2002, janeiro, fevereiro, março de 2003

que sempre confundiram o mundo: Ele mais uma vez fará com que o Evangelho da justificação pela fé somente seja amplamente pregado e acreditado. Mas quaisquer que sejam os planos de Deus para o nosso futuro imediato – sangrentas guerras religiosas entre religiões falsas, ou o surgimento de uma civilização pacífica, livre e humana através da pregação generalizada e da crença do Evangelho – podemos ter certeza de que seu Reino continuará a crescer, assim como ele prometeu através de seu profeta Daniel, 2.600 anos atrás, não por mãos humanas, mas somente por sua justiça.

Próximos livros

• *O que Calvin diz*, segunda edição, W. Gary Crampton • *Filosofia Cristã*, uma edição combinada de *Religião, Razão e Revelação*; *Três Tipos de Filosofia Religiosa*; e *Uma Introdução à Filosofia Cristã*, todos de Gordon Clark, na Signature Series of *The Works of Gordon Clark*

• *Orgulhoso do Evangelho, Ensaios em Defesa da Fé* (título provisório), John Robbins

Site da Fundação Trinity

Nosso site é <http://www.trinityfoundation.org/> No site você pode

• Ler, pesquisar, baixar e imprimir todas as edições anteriores da *The Trinity Review* (cerca de 200 ensaios); • Leia, baixe e imprima seis folhetos em inglês e

Alemão;

• Adquirir livros (cerca de 60 títulos), fitas de áudio (cerca de 100 títulos) e folhetos;

• Leia, baixe e imprima os Arquivos de Terror; •

Assinar a Declaração do Dia da Reforma; • Inscreva-se

para receber

avisos da Fundação; e • Apoiar financeiramente o trabalho da The

Trinity Foundation.

Por favor, visite nosso site em breve.

